

CULTIVANDO PROTEÇÃO: PRÁTICAS POPULARES DE CUIDADOS E RESISTÊNCIA EM ESPAÇOS COMERCIAIS URBANOS

Lais Camargo Araújo, Lidiane Maria Maciel.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, lais_ca@hotmail.com, lidiane@univap.br.

Resumo

Esse artigo realiza uma análise qualitativa imagética da exposição “Cultivando Proteção”, compreendendo-a como uma narrativa visual que sintetiza e interpreta práticas populares de cuidado através do cultivo de plantas de proteção em portas de comércio no centro de São José dos Campos (SP). Espécies como espada de São Jorge, arruda e comigo-ninguém-pode são expressões de saberes populares e ancestrais, atuando como fronteiras simbólicas e arquivos vivos de memória. Tais práticas desafiam a homogeneização estética das cidades, revelando formas situadas de produzir o espaço, de ocupar e resistir. Centrada na valorização de uma ecologia de saberes, propõe uma leitura sensível do planejamento urbano pautado na memória e cuidado, reconhecendo a agência de humanos e mais-que-humanos na composição do urbano.

Palavras-chave: ecologia de saberes; práticas populares urbanas; cuidado; estudos multiespécies.

Área do conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas - Planejamento Urbano e Regional.

Introdução

Na porta de entrada de alguns comércios do centro de São José dos Campos (SP), vasos de espada-de-São-Jorge, comigo-ninguém-pode, arruda e outras espécies anunciam silenciosamente práticas de cuidado e proteção. Em meio ao concreto e à homogeneização estética, essas plantas guardam e resistem. Este artigo analisa o projeto cultural ‘Cultivando Proteção’, uma exposição fotográfica e audiovisual, para investigar como tais gestos cotidianos funcionam como formas de resistência simbólica e expressão de memórias.

Mais do que ornamentação, esses vasos revelam vínculos espirituais e afetivos, configurando práticas enraizadas em saberes populares e ancestrais. Inspirada pelos estudos multiespécies, a pesquisa compreende essas relações como imersões de reciprocidade e atenção, que produzem modos de habitar a cidade (Van Dooren; Kirksey; Münster, 2016).

A análise ancora-se também na ecologia de saberes proposta por Boaventura de Sousa Santos (2009), que critica o imperialismo epistêmico e defende a valorização de epistemologias diversas. Assim, o cuidado expresso pelas plantas se torna uma contra-narrativa à monocultura cognitiva, reativando memórias historicamente silenciadas, sobretudo de origem afro-indígena.

O objetivo central é, através de uma análise iconográfica da exposição ‘Cultivando Proteção’, investigar como a materialidade e a disposição de vasos com plantas de proteção em espaços comerciais, constroem uma narrativa sobre o cuidado como prática política, analisando seus significados simbólicos materializados no contexto da produção da exposição.

Metodologia

Este artigo teve como objeto de investigação a exposição fotográfica e audiovisual “Cultivando Proteção”, realizada no Teatro Benedito Alves em 2025, com financiamento da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB). Para este trabalho não serão utilizadas imagens dos participantes nem outra forma que possa identificá-los, respeitando assim as normas do Comitê de Ética em Pesquisa, atendendo a Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016 (Brasil - CEP/Conep, 2016). De acordo com esse mesmo documento a “Pesquisa reflexiva é voltada ao aprofundamento teórico de situações que emergem da prática profissional, desde que não se revele dados que identifiquem pessoas (Brasil - CEP/Conep, 2016)”, assim respaldados por essa normativa, o presente trabalho

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

adota uma metodologia de abordagem qualitativa de análise de imagens (Uchoa; Godoi, 2015), que permite examinar os modos como fotografias, fragmentos audiovisuais e a própria presença material das plantas no espaço expositivo produzem sentidos e instauram um olhar específico sobre o urbano e as práticas de cuidado com o território em relação com as plantas.

A exposição foi ambientada com as plantas utilizadas pelos comerciantes, possibilitando uma imersão sensorial reproduzindo a atmosfera dos espaços investigados. Foram expostas 22 fotografias e um produto audiovisual de mais de vinte minutos com imagens e sons da cidade, imagens dos comércios visitados, assim como os relatos dos comerciantes que cultivavam vasos de proteção na porta de seus estabelecimentos, ampliando a possibilidade de captar não apenas as falas, mas também os gestos e objetos presentes nos locais investigados.

A exposição nos aproxima do campo da etnografia urbana, convocando o que Magnani (2002) denomina de “olhar de perto e de dentro”, ao praticar o contato, através de relatos expostos no vídeo da exposição, com os atores sociais e a observação situada das práticas cotidianas no espaço urbano.

A pesquisa dialoga também com os estudos multiespécies, ao considerar que os trajetos urbanos não se restringem aos humanos, mas incluem outros sujeitos, como as plantas, que participam da produção de significados no espaço urbano. Como afirma Magnani (2002, p.18): “acompanhar um desses ‘indivíduos’ em seus trajetos habituais revelaria um mapa de deslocamentos pontuado por contatos significativos”. Aqui, essa ideia é expandida para incluir as plantas como agentes que mediam relações e participam da vida social, sendo, portanto, também passíveis de serem acompanhadas etnograficamente em sua presença e circulação simbólica no território.

A análise do vídeo coloca os espectadores em contato com a oralidade, o que estimula uma escuta ativa e sensível. Portelli (1997, p.31):

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas [...] sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.

A história oral experienciada através da exposição do vídeo permite acessar dimensões afetivas e subjetivas da materialidade urbana, revelando como elementos cotidianos — como vasos com plantas — são investidos de significados profundos que envolvem proteção, memória e espiritualidade.

A exposição operou como um dispositivo de devolutiva e reativação das narrativas colhidas durante o trabalho de campo para a realização do projeto, pois, as reinscreveu em novos suportes e compartilhadas em outro regime de escuta, como afirma Silva (2004), trazendo novos sentidos às memórias a cada vez que são narradas.

Assim, a análise qualitativa imagética aplicada neste artigo permite compreender a exposição não apenas como produto cultural, mas como dispositivo que reorganiza narrativas e sensibilidades sobre a cidade, materializando práticas cotidianas de cuidado em uma narrativa estética e política. A partir dessa perspectiva, a seção seguinte discute os sentidos que emergem da exposição ‘Cultivando Proteção’ e os olhares que ela possibilita sobre as práticas de cuidado no espaço urbano em relações multiespécies, a partir de uma ecologia de saberes.

Resultados

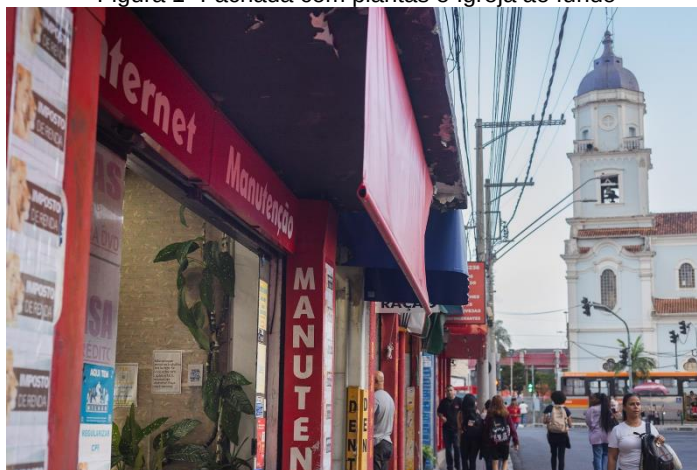
As imagens registradas no decorrer do projeto ‘Cultivando Proteção’ evidenciam mais do que representações da pesquisa: elas são, em si, documentos etnográficos que materializam práticas do cuidado, espiritualidade e resistências marcadas no espaço urbano. Somadas às narrativas dos comerciantes, os registros visuais revelam gestos cotidianos que produzem estéticas próprias, em que o simbólico e material se entrelaçam. Por entre as vitrines e fachadas padronizadas, encontra-se vasos com plantas de proteção comunicando a existência de outras camadas da cidade, desafiando a neutralização estética, funcional e epistemológica do espaço urbano. Esse ato revela a presença de modos de habitar que escapam à lógica mercantil e reforça o vínculo entre memória, resistência e identidade.

Na Figura 1, por exemplo, a presença da espada-de-são-jorge e da comigo-ninguém-pode, na entrada de uma loja no centro da cidade, evidencia essa relação multiespécies com caráter de proteção.

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

A justaposição com a igreja São José ao fundo provoca uma leitura simbólica do espaço: entre o sagrado institucional e o espiritual popular.

Figura 1- Fachada com plantas e Igreja ao fundo



Fonte: Tatiana Del Gadelha, 2025

Conforme a fala de uma comerciante local, exposta no dispositivo audiovisual da exposição, há uma complexidade na compreensão do uso das plantas ao dizer que: " [...] às vezes as pessoas não entendem muito o porquê daquilo, então é isso, essa questão mesmo das plantas para nós é algo muito mais profundo, é algo que mexe com memória, que mexe com saúde, e é o que a gente acredita mesmo, porque eu acho que não tem a ver com religião eu acho que tem a ver com espiritualidade [...]"

Na Figura 2, a imagem cria um contraste emblemático e questionador entre dois modos de proteção: o oficial e o cotidiano-popular. A planta, colocada na entrada do comércio, pode ser interpretada como um gesto de cuidado, acolhimento e proteção. Já a viatura da Guarda Civil Municipal (GCM) representa a presença estatal e o controle normativo do espaço público.

Figura 2 - Porta de comércio com uma planta e o carro da GCM ao fundo na frente de um estabelecimento chamado "Patrão"



Fonte: Tatiana Del Gadelha, 2025.

Outro comerciante afirma: "Isso aqui é um amuleto, um colchão pro dia a dia, porque a dificuldade aqui no comércio, no centro, são sempre muito complicadas, né, são uma concorrência muito grande, e a gente vive sempre acirrado, não só com o concorrente, mas às vezes até com os próprios clientes [...]"

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

O que reforça a dimensão protetiva, compreendendo os vasos como fronteiras vivas entre o público e o privado, entre o visível e o invisível, operando como mediadores entre mundos: o mundo da cidade planejada e o mundo da cidade habitada.

Já a Figura 3 direciona o olhar para a calçada, onde um vaso com plantas de proteção marca a zona de transição entre o espaço público e o interior do comércio. Esses vasos cultivados no limite da calçada operam como fronteiras simbólicas e epistemológicas, ativando memórias e formas de saber que reorganizam os sentidos do lugar.

Figura 3 – Vaso na calçada com plantas de proteção



Fonte: Tatiana Del Gadelha, 2025

Como observa Silva (2004, p. 192):

No trabalho com memórias, no esforço para analisá-las e interpretá-las, não se pode perder de vista suas especificidades, sua seletividade e a forma como são compostas por cada sujeito, de acordo com o lugar, a situação na qual se encontra e as experiências que estão sempre em processo de composição.

Assim, esses gestos cotidianos ativam não apenas lembranças, mas saberes fundamentados na experiência vivida, capazes de tensionar as fronteiras entre o formal e o informal.

Ao dar atenção a essa manifestação de saber popular, o trabalho se abre à escuta de outras epistemologias urbanas — aquelas que se expressam no cuidado com o território, na performatividade dos objetos e nas memórias que emergem.

Discussão

O centro urbano caracteriza-se como um território em constante disputa entre o apagamento de formas de vida não hegemônicas e a persistência de práticas cotidianas que resistem à lógica dominante. Como afirma Santos (2021, p.110): “O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”. Nessa perspectiva, o centro não se limita apenas a um espaço de circulação e consumo, mas se constitui em um campo de disputa simbólica, material e identitária.

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

A globalização perversa manifesta-se nesse centro urbano, que concentra comércios competitivos e expressa a lógica mercantil de homogeneização estética. Para Santos (2021, p.69), “a causa essencial da perversidade sistêmica é a instituição, por lei geral da vida social, da competitividade como regra absoluta, uma competitividade que escorre sobre todo o edifício social”.

O projeto ‘Cultivando Proteção’ nos permite compreender o centro como um território tensionado, local onde práticas populares de cuidado e cultivo com plantas não apenas persistem, mas expressam memórias coletivas e saberes socialmente partilhados.

Apesar da tentativa de homogeneização do território urbano, ele se revela como uma complexa camada de temporalidades e modos de vida que entrelaçam o passado e o presente por meio de ações cotidianas, porém profundamente significativas. Desta maneira, os vasos encontrados à entrada de comércios, habitualmente com espécies com conotação à proteção espiritual ou vínculos afetivos, podem ser compreendidos como dispositivos micropolíticos. Sendo assim, o centro configura-se como um espaço onde práticas de resistência se manifestam por meio de saberes populares, expressos na presença de vasos e nas relações simbólicas e materiais com as plantas. “Já os símbolos “de baixo”, produtos da cultura popular, são portadores da verdade da existência e reveladores do próprio movimento da sociedade.”, Santos (2021, p. 165). Ao expor essa camada da cidade, o projeto ‘Cultivando Proteção’ corrobora para deslocar o entendimento do centro urbano como um espaço de consumo e controle, e o rearranja como um território em disputa, simbólica e materialmente.

Considerações finais

Diante da tentativa contínua de higienização simbólica e homogeneização estética do espaço urbano, os vasos com plantas de proteção cultivados nas portas dos comércios se afirmam como gestos de resistência e cuidado. Essas plantas tornam-se guardiãs de saberes, afetos, histórias e memórias que teimam em sobreviver ao apagamento de epistemologias não hegemônicas no centro comercial urbano.

Ao reconhecer esses saberes como manifestações legítimas de ordenamento e ocupação urbana, desloca-se o olhar da norma técnica para uma escuta sensível, que admite o valor do saber vivido, localizado e partilhado. Trata-se de repensar a cidade como território de pluralidade e coexistência epistemológica, onde diferentes formas de vida e conhecimento coabitam e produzem o espaço.

Na contramão do urbanismo tecnocrático e produtivista, essas práticas populares apontam para um modo de habitar, ocupar e planejar que se sustenta na atenção aos vínculos, na escuta às diferenças e no reconhecimento da agência de seres mais-que-humanos. Desta forma, uma espada de Santa Bárbara na porta pode ser um ato político, não por um enfrentamento explícito, mas por representar outras formas de cuidado, pertencimento e produção de mundo.

Reafirmar o valor dessas práticas é um posicionamento ético e político diante de um modelo de cidade que ainda marginaliza o que escapa ao visível, ao quantificável e ao planejado institucionalmente. Como propõem a ecologia de saberes, formulada por Boaventura de Souza Santos, é também nas práticas menores e nos gestos reiterados do cotidiano que se constroem resistências potentes. Assim, a cidade que se constrói pelas margens pode ser aquela que aponta para um futuro mais justo e plural — um futuro onde o cuidado e a espiritualidade coexistem com a materialidade urbana, reorganizando as formas de pertencimento e planejamento.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 44, 24 maio 2016.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-30, 2002.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. In: THOMPSON, P. **Vozes do passado: história oral**. [S. l.]: Paz e Terra, 1997. p. 25-39

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-72.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 32. ed. São Paulo: Record, 2021.

SILVA, Dimas A. de Oliveira e. Algumas experiências do diálogo com memórias. In: FENELON, D. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

UCHOA, A. G. F.; GODOI, C. K. Metodologias Qualitativas de Análise de Imagens: origem, historicidade, diferentes abordagens e técnicas. **Cadernos Brasileiros de Estudos Organizacionais**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 233–241, 2015. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/233>. Acesso em: 23/09/2025

VAN DOOREN, T.; KIRKSEY, E.; MÜNSTER, U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. **ClimaCom**, Campinas, n. 7, p. 39-45, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>. Acesso em: 27 out. 2023.